

Gaiato

29 DE JUNHO DE 1968

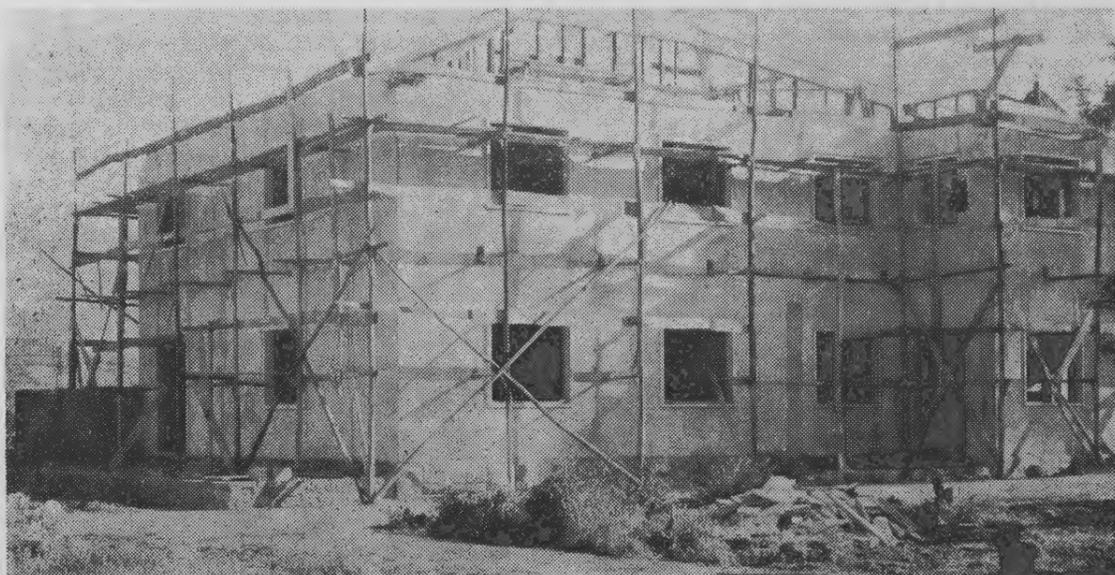
ANO XXV — N.º 634 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: *Padre Américo*

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENA
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO



As oficinas do Tojal crescem a olhos vistos. Eis um aspecto do edificio central em construção.

PATRIMONIO DOS POBRES

No despacho da correspondência do Património, com quantas cartas não dá a gente, que são gritos de alerta aos homens de boa-vontade para que reparem nas ausências da Justiça Social e se decidam a realizá-la pela força intrínseca da fraternidade, inteligentemente adoptada e eficazmente vivida! O que mais doi no conhecimento das misérias que têm em carne-viva a maior parte da face do mundo, é que os problemas essenciais resolver-se-iam com muita simplicidade, se os homens acreditassem no poder imane da Verdade, da Justiça e do Amor e se dispusessem a dar a mão. Dar a mão a todos os que ainda não estão prostrados e são capazes de se levantar (se, a si mesmos!) com a ajuda fraterna dos que ainda não estão caídos.

Estas cartas que aí vão, na pobreza da sua forma, da sua ortografia, são monumentos da Fé e da Esperança dos Pobres — a sua riqueza e a maior que

há na Terra, a qual, tantas vezes, é afogada pelos bem instalados, que, vivendo apenas para o seu interesse, acabam por afogar-se também na atmosfera carregada de injustiça, que assim é pela sua acção ou pelas suas omissões.

Ora vejamos:

«Queira V. desculpar o tempo que vai perder por minha causa, mas peço a caridade de escutar as palavras da minha carta. Eu F., Pal de quatro filhos, menores, tenho trinta e três anos de idade estou casado, há nove anos trabalhei durante 17 anos em uma Fábrica Textil de Barcelos, mas há 3 anos por motivo de doença psíquica foi obrigado a abandonar o trabalho e fiquei com uma reforma de invalidez pela Caixa de Previdência de 400\$00 mensais. Porém, é só com esta receita que faço a despesa da sustentação de toda a minha família,

Cont. na TERCEIRA página

Aqui, LISBOA

Apreciamos muito os donativos discretos que nos chegam, pessoalmente ou por qualquer outra via. Sem ostentação ou atitude preconcebida, à maneira evangélica, dando com uma mão sem a outra dar conta disso, ainda há muito boa gente que se lembra dos irmãos mais necessitados. Infelizmente, porém, não nos parece que seja este o proceder mais corrente. Dá-se, muitas vezes, para os outros verem, como se de aplicação de capital se tratasse, procurando o seu rendimento nos louvores dos homens ou numa comendazinha que engrandeça aos olhos do mundo e, se possível, traga um aumento de lucros.

Aqui há tempo tivemos conhecimento directo dos passos dados por alguém no sentido de se obter determinado galardão para certo indivíduo, na expectativa interesseira de se obter dele algumas verbas para melhoramentos numa aldeia. O estratagema sortiu e o visado, estimulado na sua vaidade, abriu os cordões à bolsa. Atitudes semelhantes ou equivalentes são vulgares, esquecendo-se a função social dos bens, confundindo-se esmola com Caridade e visando-se, talvez, comprar o Céu com dádivas desta natureza. Quem sabe, até, se, nalguns casos, se procura adquirir a paz da consciência e lançar uma cortina de fumo que desvança as injustiças praticadas?!

Continua na TERCEIRA página

Calvário

Por Padre Baptista

O senhor João dormia na praia da Nazaré, sabe Deus por onde. Não tem ninguém. Nem parentes, nem amigos, nem nada. Não sei como é possível perderem-se seres humanos neste mundo, com a mesma facilidade com que se somem os objectos mais insignificantes.

Esta pobreza efectiva é situação de que poucos podem falar com exactidão. Disserta-se muito, hoje, sobre Pobreza, mas acertava-se mais, se todos fôssemos, com profundo respeito, ao encontro daqueles que a suportam consciante ou inconscientemente, para com eles partilharmos o seu viver.

Ora, o senhor João é alegre, no meio da ausência em que a vida o deixou. E eu gosto muito desta gente sem nada, que dá valor ao pouco que lhe cai nas mãos como se fora tudo de quanto precisavam.

O Calvário foi um bem que em determinada altura se lhe ofertou. E bastou para o tornar feliz. É feliz com este pequeno bem onde recebe aquilo de que vai precisando. E ele sabe apreciar. — Olhe como o Calvário está lindo na primavera! E por entre as carvalhas e pinheiros, radiante como os pássaros, de enxada ao ombro e vassoura de codessos na mão, trepa ao alto da mata. É que ele propôs-se limpar o nosso Campo Santo.

— O senhor há-de lá ir ver como aquilo está a ficar! Tenho a certeza de que não há no mundo campo algum, nem mesmo igreja ou ermida, varridos e adornados com mais amor do que este Campo Santo. O lixo das ruas converte-se em rosas e beleza! Quem dera que os homens vissem e compreendessem a profundidade do amor com que desejamos limpar as ruas do lixo que nelas vai, e quisessem ir connosco por ele, para o transformar no valor que ele potencialmente encerra.

N. B. — Queremos informar de que ainda não obtivemos a legalização desejada para o cemitério.

Lourenço Marques

O pouco e o muito que a vossa caridade vai somando no Livro da Vida e chega até nós, pelo Correio ou Banco, entregue à mão aqui ou na Farmácia Normal, faz a delícia dos nossos cinquenta operários que, ao meio dia de sábado, recebem a sua fêria. Pudéssemos nós fazê-los todos saborear com temperança, aquilo que lhes custa tanto suor!

Trazemo-los presentemente na colocação de manilhas em todas as valas que atravessam o leito da estrada, que nos vai ocupar a seguir. São 12 passagens com a largura de oito metros,

em tubos de vinte, quarenta e cinco centímetros e de metro também. A passagem do Infulete obriga-nos a um trabalho mais dispendioso que os outros no seu conjunto, devido às características do terreno e ao volume da água nas chuvas de verão. Um sr. Eng.º, da Junta das Estradas, fez-nos um esquema que vamos executar.

Quanto a obras diversas, construímos uma pequena Casa para um casal indígena que mora dentro do nosso terreno. Perto, também, um poço e um lavadouro de roupa, para os muitos

Continua na TERCEIRA página



VISTAS DE DENTRO

Chegou uma remessa de peixinhos vermelhos e dourados para o nosso pequeno lago.

Deitei-os lá sem que os rapazes vissem e vou para longe observar.

Momentos depois aparece junto ao lago o Manuel «Songa», alma cândida e simples nos seus 17 anos que a selva africana conservou infantis, mas a quem as armas dos homens pertubaram a razão.

Olha o lago, vê os peixes e logo corre para os colegas que estão mais longe. Arrasta-os para o lago, radiante e exclamando: — Chunga, chungu, óla, óla — e aponta o lago.

Todos correm a ver o que é. A alegria do Manuel é, agora, de todos.

Sorriso aberto de criança feliz, lá vai o Manuel chamar outros.

A nova espalha-se pela Aldeia.

Agora são montes de rapazes à volta do lago.

Os «Batatas» deliram de alegria e vão tomando conta dos peixes. «Aquele pequenino é pra mim», diz o Fernandito. «Aquele grande vermelho é meu», reclama o «Brazinha».

Todos querem ter o seu peixinho.

Reboliço na Casa, fuga aos trabalhos, desordem.

Os mais velhos mai-los casados deixam-se contaminar e lá vão ver a novidade.

Agora, até as crianças de fora cá aparecem para ver os peixinhos.

Como são belas as coisas simples!

Todos se sentem como crianças alegres ao verem nos peixinhos não sei o quê que os faz felizes.

Eu observo, feliz também, e penso que, se nós os homens aprendessemos a contemplar e meditar as coisas simples em que a Natureza é pródiga e nas quais se manifestam as maravilhas de Deus, o mundo em que vivemos seria muito mais humano, mais feliz.

Poesia? Químera? Perguntai-o a um Francisco de Assis ou, mais perto de nós, a Pai Américo.

x x x

Quando passo junto do Ti João «manco», que, apesar da idade e dos braços e pernas tolhidas, quer morrer junto dos seus rapazes, puxo do maço de «português suave». Logo o Manuel «Songa», seu companheiro inseparável, corre para mim de braços abertos exclamando: — Ti João, Ti João.

Eu sei o que ele quer dizer e da alegria que dou aos dois dividindo os «portugueses» com o Ti João.

Manuel toma o cigarro que lhe dou e vai colocá-lo nos lábios de Ti João e, depois, num gesto cómico, infantil, mas cheio de carinho, tira-lhe o isqueiro do bolso do colete e lho acende, enquanto vai exclamando: — cum fôça, cum fôça; querendo dizer na sua linguagem que o cigarrito lhe vai dar mais força. E dá mesmo, pois o Ti João, tem uma fraqueza pelo cigarro.

Naquele gesto do Manuel e no sorriso do Ti João com o cigarro ao canto da boca, eu vejo todo um mundo de amizade que os homens não querem compreender ao desprezarem os anormais e os deficientes físicos.

Se eles vissem como os olhos do Manuel «Songa» brilham e os seus dentes brancos de neve são mais bonitos ainda no seu rosto feliz, e se prescutassem o sorriso dos olhos do Ti João ao saborear a amizade do rapaz, descobririam um mundo novo para o qual teimam em fechar os olhos.

A alegria do Manuel ao dar e do Ti João ao receber, é uma página de amor que os tratados não dizem, — mas realidade de que faz meditar.

x x x

Farto-me de chamar a atenção do «Carioca», responsável pelo arrumo e limpeza do refeitório dos mais pequenos, e do Rui, a quem compete trazer limpo o terreiro anexo a este, para

as demoras no cumprimento das suas obrigações.

É prègar aos peixes! Por mais que me arrelie, o refeitório não anda limpo, nem o terreiro varrido.

Arranjam mihentas justificações para desculparem a demora nos trabalhos.

Só há dias percebi o motivo que leva a esta desordem. São as pombas.

Um ror delas, aproveitando-se do nosso sistema de porta aberta e do desleixo premeditado do «Carioca», lá andam pelo refeitório aos restos, numa sem cerimónia que me encanta.

Como, porém, estas acabem, ou porque a limpeza não se pode deixar de fazer, mesmo atrozada, fica cá fora o terreiro por varrer para elas acabarem de encher o papo com as migalhas e tudo o mais que os miudos e grandes lá deixam, propositamente para elas.

Quando cá vieses, não repares, pois, se o refeitório estiver por arrumar e o terreiro por limpar.

Já sabes a razão.

O pior é que o «Botas», responsável pelo refeitório dos mais velhos, não querendo ficar atrás do «Carioca», já conseguiu guiar para o dele umas tantas delas.

Se não ponho termo a isto, lá se vão os nossos «pergaminhos» de limpos e arrumados. E tudo por causa das pombas!

Verdade, verdadinha que, se não fora este desalinho de coisas, pelava-me todo por ver lá as ditas!

Só me resta ir moendo a ralhar constantemente, pois não tenho coragem para dar ordem de despejo às nossas «irmãs pombas».

Padre Abraão

Pássaros

Quisera ser poeta. E saber e poder transmitir ao vivo todo o gosto que senti, hoje, na bela encadernação da nossa Tipografia. Eram pássaros. Uma sinfonia. Um chilrear encantador. Alegres. Bem dispostos. Barriga cheia. E bem tratados.

Não disse nada, de entrada. Saboreei, apenas. Em volta, era o barulho da máquina de dobrar. O roncar da guilhotina. O matraquear da máquina de agrafar. E o interesse de cada um pelo trabalho — no seu lugar. Um mundo harmonioso, quantas vezes desordenado, embalado pelo chilrear da passarada!

Virei costas pró escritório, deslumbrado. São quadros que rejuvenescem. E aliviam a nossa vida, a nossa cruz. Pois como é bela toda a Obra do Criador, bem orientada pela mão dos homens!

Não resisti. Tornei à secção. E inquiri do autor do aviário. Os pássaros são do «Matateu», resposta quase geral. Menos o Seixas, bem mais novo que «Matateu»! Não tardou, porém, a marcar presença: **Veja lá, um rapaz de 19 anos a tratar de pássaros...** A cara do Seixas espelhava um sorriso natural. Diria que os pássaros são prá sua idade, que não prá do «Matateu». A sua admiração, fôra minha com mais razão. Simplesmente, quem dera todos entendam o prazer e amor do rapaz pelas suas aves. E que ele seja sempre assim pela vida fora; d'alma sempre igual, infantil. Mais fácil de ser bafejada pela virtude da Graça de Deus.

Júlio Mendes

Santa Justa, S. José, Santo António, Celas e Rainha Santa.

Queremos que todos os habitantes de Coimbra que se aproximam do Altar, sejam participantes da nossa vida que se deve realizar também à volta do Altar.

E agora vamos ver as tuas presenças em nossa casa, na rua, pelo telefone, em carta e de mais modos: cem a um dos nossos vendedores de Coimbra; o mesmo no Castelo; metade no mesmo; cem, mais vinte, mais vinte de visitantes; vinte de Leiria; 100 mais 20 mais 20 mais 20 numa reunião de cursistas; cem mais cem, mais quinhentos na nossa Capela; cem, mais cinquenta, mais cinquenta do Entroncamento; cem de Dafundo; cinquenta todos os meses e mimos aos nossos vendedores; quinhentos de abono; cinquenta das Caldas da Rainha; cem à porta de Santa Cruz; cinquenta dum dos nossos que nos visitou; trinta de visitantes; cem ao vendedor de Leiria pedindo duas Missas; 250 de Lisboa por alma do Pai. Duzentos e a visita dos alunos da Escola de Magistério Primário de Coimbra.

A visita familiar e de estudo destas instituições que preparam os educadores de amanhã são sempre visitas que marcam a alma.

Quinhentos e mil de dois senhores de Pombal; quinhentos a sufragar três almas e embrulhos no Castelo; ouro para o serviço do Senhor; mil de Lisboa «dum cristão amigo da Obra»; mil de alguém pelas mãos dum sacerdote de Coimbra; casacos feitos com muito amor para os nossos do Colégio; duzentos em Missa do 7.º dia; vinte levados ao Lar; 920 numa secção dos CTT de Coimbra, para o Património dos Pobres. Vinte de visitantes; quinhentos todos os meses para Manuel e minhas aflições.

Quero informar o oferente de Lisboa que cá chega sempre a sua presença. Mil e noventa dos oficiais e sargentos no baptizado do Joãozinho; mil de Coimbra para várias bocas; cinquenta de visitantes; duzentos de directora

dum Colégio de Coimbra que nos estende a mão muitas vezes; cem, mais cem, mais cinquenta, mais vinte, mais vinte, mais vinte francos, numa reunião semanal de cursistas; seiscentos dum dos nossos em Tete que nos recorda muitas vezes e de muitos modos. Nós também os recordamos.

Duzentos e cinquenta da Auto-Industrial; vinte em Santa Cruz; quatrocentos das amiguinhas M.ª Helena e M.ª Isabel; duzentos de visitantes de Castelo Branco; 20\$ de visitantes, 50\$ no Castelo, mais 100\$ pelo nosso aniversário da adorada Mãe; mais 50; 20\$ da mão de um sacerdote; 20, mais 50, mais 100, mais 50 à porta de Santa Cruz; cem a um vendedor de Coimbra; quinhentos levados ao Lar; cento e vinte da Figueira; cem de promessa; duzentos e cinquenta da Senhora que nunca nos esquece; uma professora que deixou quinhentos; cinco mil pela mão da mãe e cinquenta do filho; cinquenta a um vendedor de Coimbra; mil na Sé Velha para uma telha; cem de visitantes; cem de promessa a Santo António.

Quinhentos no Aniversário de Senhora muito mãe dos nossos estudantes; quinhentos dum amigo da primeira hora; setenta no Cemitério; cem de promessa; quinhentos para uma telha; 50, mais 50 dum sacerdote; cem doutro; vinte numa tabacaria; vinte na rua; vinte de visitantes; 70, mais 270 de visitantes; dois mil de Senhora a recordar o marido que foi sempre muito nosso; vinte em carta para ajuda do nosso Lar; mais promessas de ajuda para o mesmo; 10 quilos de isolante para as paredes; quarenta no aniversário dum família de Coimbra; cinquenta dum grupo; vinte na rua; 3 pares de sapatos; cento e cinquenta do Porto; mais mil cento e cinquenta das Irmãs da Casa de Saúde de Coimbra; cem de Ilhavo; vinte, mais vinte numa reunião; cem em vale da Figueira da Foz.

Demos graças a Deus.

Padre Horácio

TRIBUNA de Coimbra

Hoje vamos dar-te conta daquilo que nos vão confiando para criarmos e educarmos cem filhos, conservar e ampliar obras e ajudar famílias irmãs que nos estendem a mão.

Começamos pelos bilhetes e capas das festas que este ano fizemos nas terras mais populosas do Centro.

Coimbra deixou-nos duas dúzias de contos; Leiria andou pelos dezasseis e mais uma lembrança de uma reunião regional dos cursistas; Tomar ultrapassou um nadinha Leiria; Lousã andou por metade; Figueira da Foz acompanhou Leiria e Tomar; Covilhã bateu o record e chegou aos 25; Fundão passou dos catorze; Castelo Branco andou perto dos dezito.

Todas estas terras nos quiseram dar jantar e uma grande ceia no fim da festa. Foi um mundo de mimos que todos nos quiseram fazer. Até a Empresa José Maria dos Santos, que nos transportou, quis unir-se a nós na sua oferta.

As nossas festas foram mais que tudo uma grande conquista e um autêntico testemunho de doutrina social.

Ainda anteontem o pároco dum dessas terras nos procurou para agradecer e pedir que nunca mais deixássemos de ir todos os anos à sua paróquia «pois a doutrina da vossa presença foi formidável; foi a melhor pregação que até hoje se fez na minha paróquia».

Ficámos com a boca doce e com vontade de voltarmos.

Nos últimos domingos temos percorrido as igrejas da cidade de Coimbra. Percorremo-las todas e todos nos têm recebido bem: Santa Cruz, S. Bartolomeu, Sé Velha, Universidade, Sé Nova, Seminário, S. Pedro, Carmelitas,



OBRA DE RAPAZES, OBRA DE RAPAZES, OBRA DE RAPAZES

Cont. da PRIMEIRA página

pois a minha mulher é doméstica. Pago de aluguer de casa 70\$00 mensais, mas consegui, há tempos que meu sogro me desse um cantinho de terreno para a construção de minha casa própria, tive a promessa de auxílio de muitos Amigos e familiares já tenho a casa em meio, casa terrea, em tijolo e placa sei que têm dado subsídios para a construção destas casas de Pobres pelo Património dos Pobres, fundado pelo grande e Bondoso Padre Américo venho hoje, por isso pedir para me conceder um auxílio afim de eu terminar a minha casa.»

Quem diria que este homem seria capaz de tamanho feito? Pois foi E quem passar na Estrada Nacional 204 ao Km 19,650 de Barcelos a Ponte de Lima, pode testemunhá-lo.

Foi capaz mercê de «um cantinho de terreno» que o sogro lhe deu, de «auxílios de muitos amigos e familiares» e finalmente, deste pequeno auxílio que a título da telha lhe foi dado deste Fundo Nacional do Património dos Pobres, que a Providência de Deus nunca deixou secar.

Outra voz levanta de novo aquela, em tempo muito falada, ajuda do Totobola que, a brincar, sem prejuizo algum para a própria Organização, poderia ter dado um seríssimo passo em frente na resolução da miséria habitacional (procriadora de muitas outras misérias e decadência humana!) das nossas gentes rurais — com a dupla vantagem de fixar à terra muita gente que avoluma e torna quase irresolúveis os problemas sociológicos nas grandes cidades.

«Agora peço-lhe que me perdoe e dispense um pouco de

PATRIMONIO DOS POBRES



sua atenção para o que lhe vou escrever.

Sempre que leio o vosso jornal medito em tanta dor e tristeza em que a maldade duns e vileza doutros faz sofrer esta pobre humanidade em que nós vivemos. Qual a razão por que os Senhores se calam e não insistem no Totobola para que dêem ao menos um tostão para que se façam casas para os Pobres? Mudem-me para uma casa, mesmo à beira-rio, onde vivem nas bateiras ou sejam os barquinhos dos pescadores, casais com 4 e 5 filhos em que eu em noites de frio e vento nunca mais tive uma noite sossegada, e oiço tantas vezes dizem que eles já estão habituados. Ora quem haverá por aí que queira trocar?! Quando me dizem isto, é só o que me apeetece perguntar.»

E termino, hoje, com estoura carta, tão contundente e tão verdadeira, ditada pela vontade enérgica de quem quer e crê poder libertar-se da sua condição se encontrar nos homens a fraternidade que todos se devem em nome de Cristo.

«Faço votos que esta minha carta seja lida e lida numa hora de muita saúde e felicidades que é este todo o meu desejo.

Hoje mesmo resolvi dirigir-me a V. mui respeitosamente pedir-lhe um grande favor que é o seguinte. Eu tenho uma pobre casinha com 3 divisões e uma pequena cozinha; sou se-

nhor dela há 13 anos; nessa data era pai de 2 filhos, a casa chegava; consegui construir esta casinha, isto em 1953, com auxílio de todos os benfeitores proprietários da minha freguesia. Hoje infelizmente encontro-me rodeado de 11 filhos, o mais velho 14 anos e o mais novo de 6 meses. Tenho vergonha repetir a pedir na freguesia!...

Já há um anc que penso em separar os filhos das filhas, mas só com um aumento de casa que dê para duas divisões, mas como ganho pouco por dia é-me impossível de conseguir o meu sonho. Tenho pensado a minha vida e o meu futuro, até que chegou o meu pensamento até vós lembrando-me de lhes pedir um auxílio a ver se eu

Lourenço Marques

Cont. da PRIMEIRA página

que não tinham outra água, senão a estagnada duma nascente de drenagem.

De utilidade em ordem aos Rapazes, acabámos a adaptação dum armazém donde fizemos duas amplas camaratas, quarto do chefe e sanitários. Os materiais para forrar o teto foram oferecidos: o isotérmico por Eduardo de Castro e a madeira pela Serração Mecânica. Das janelas, algumas pela Carpintaria do Jardim e os sanitários

quase todos pelo A. Teixeira. Um arranjo completo, com ajudas oportunas e variadas. Elevámos assim a capacidade para cerca de trinta leitões.

Do mais que recebemos, aqui o damos a conhecer. Na Farmácia Normal 300\$ todos os meses de quem nos deixou mais dois mil em visita a Casa. Mais 50\$ e 190\$ de quem lá trabalha, mais na Central. Mais 350\$ de quem fez questão de saber se recebíamos. Pode confiar como nós confiamos. E mais roupas e calçado. De Inharrime 250\$ em carta muito amiga. 100\$ em homenagem a N.ª S.ª de Fátima para que vele por uma mãe aflita.

Um tripeiro com 682\$50, primeiro aumento de ordenado, como de há muito tem por norma. A carta é um hino à Beira onde viveu o tempo mais feliz da sua vida.

Os costumados 50 quilos de açúcar da Incomati. Da Av. Massano de Amorim 160\$. Da Caldas Xavier um armário que nos veio remediar uma falta. E um rádio e mais outro e uma ventoinha eléctrica para os tempos, que graças a Deus se aproximam, de termos corrente em Casa.

500\$ de F. S. Ribeiro. Dos Empregados da PERMAR 550\$, referentes a Março e Abril, entregues na Sé, que se transformaram em 5.000\$ por extrema caridade de quem os recebeu. E trinta do Pessoal da C. P. 217. Pintos do Aviário da Machava. E morangos para plantar do sr.

não chegarei a ser o culpado de escândalo na família que é isto que me comóve o meu coração.

Eu já comecei com o aumento, mas, pensei gastar menos... Quando paguei as primeiras semanas aos operários fiquei muito triste ao ver que não tinha dinheiro para conseguir o meu desejo que muito me consume de não conseguir o mais cedo possível separar os filhos das filhas, que os encontro mais espertos de inteligência do que eu na idade deles.»

Também este está remediado. Mas quantos, quantos, meu Deus, por esse País além precisam e já nem sabem pedir; ou pedem e não temos com que os atender!

professor. Em Casa, com mais quinhentos e mais duzentos.

Um frigorífico que Alguém entregou para nós na Lusitana. De lá, também, recebemos duas carradas de madeira e janelas, postas cá pelo camião do Empreiteiro das obras. Mais morangos e laranjas e roupas da R. Belegard da Silva.

Da Fasol contribuição mensal de 2.500\$ e vinte litros de óleo e um saco de farelo. De Santos Gil 50 quilos de arroz e 20 de massa da Matola. Vem a seguir o Pessoal da Steia, que entrou a cotizar-se todos os meses, com 570\$.

O pedido de uma máquina de escrever feita pela redacção de «O Gaiato», foi ouvido por três pessoas que quiseram oferecer outras tantas máquinas. Mais não!

Fomos também à Maquinagem buscar um atrelado novo. Num gesto tão simples como generoso mede-se bem a generosidade interior dum homem. E que dizer deste?: — «Depositei hoje na conta da Casa do Gaiato de Santiago do Infulene, quinze mil escudos para fazer o favor de mo pôr a render a cento por um, se não puder ser a mais elevado juro, no Banco de Crédito Comercial e Industrial.» Não digo nada, mas bendigo ao Senhor para que Ele tome a seu cuidado o pagamento dos juros!

Padre José Maria

Aqui Lisboa

Cont. da PRIMEIRA página

Quem visa a recompensa do mundo não pode aspirar ao «cem por um» do Evangelho. Tem aí já a sua paga, efémera e aparente, como tudo o que é terreno. É preciso repartir, sim, mas humildemente, com generosidade e com amor. Aqueles que connosco dividem tantas vezes com sacrifício, ou entregam o seu supérfluo, a certeza da nossa união íntima e a de que, cá na terra, só e apenas os lembraremos para as comendas do Céu, as únicas que não perecem. Tudo o resto é vaidade.

— x —

Gostamos de ver bom futebol e outros espectáculos desportivos. E, dos bons tempos de estudante, ficaram-nos certas preferências e marcas, como a qualquer sim-

ples mortal. Compreendemos e temos na devida conta o fenómeno desportivo e, por exemplo, lamentamos não ter cá em Casa um professor oficial de ginástica. A máxima romana «mens sana in corpore sano» é de proclamar aos quatro ventos, para lá das paixões e das clientelas clubistas. O que não percebemos são as verbas astronómicas, da ordem dos milhares de contos, que se oferecem pelos atletas, em contraste com o que se passa noutras ocupações não menos dignas e exigentes em sacrifício e de evidente interesse social, e em concorrência tantas vezes pouco desportiva, quando as infraestruturas só agora começam a ser criadas e, ao que se diz, as colectividades desportivas vivem em situação financeira caótica e reclamando ajudas oficiais. Parece-nos, por outro lado, que o espectáculo desportivo é a exis-

tência dos respectivos atletas-artistas deveriam ser o corolário da existência de numerosos praticantes nos vários sectores e não como se constata, dando-nos a ideia, em certos casos, de uma pirâmide invertida, com quase mais atletas profissionais do que meros praticantes de desporto.

A ginástica obrigatória nas escolas e estabelecimentos de educação, o alargamento do número de recintos, piscinas, ginásios para a prática dos chamados desportos base, com monitores competentes e sem preocupações de bancadas, são exigências elementares dos nossos dias, não só dos grandes centros mas de todo o País. A saúde física, moral e psíquica do nosso Povo, assim o exige, para lá de emulações naturais e salutaras que devem ser acalentadas mas nunca deixadas cair no desequilíbrio das paixões, na busca de objectivos inconfessáveis ou redundar em prejuizo dos indivíduos e até das próprias famílias.

Visado pela
Comissão de Censura



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

ENCONTRO VICENTINO — Com o apoio do Conselho Central das Conferências de S. Vicente de Paulo da Diocese, estamos a organizar — com o maior empenho — o primeiro «Encontro Vicentino» regional. Não será uma espécie de sessão solene. Tão pouco um *encontrozinho* piegas. Esperamos que ele seja, realmente, um forte traço de união entre recoveiros — e, também, recoveiras — dos Pobres, nesta vasta região essencialmente rural.

A nossa tarefa, a nossa missão, é comum. Entendemos assim, particularmente em relação a quem se decidiu ouvir, e não só ouvir, mas pôr em prática a Palavra do Mestre, pela boca de Seu Discípulo Tiago: «A Fé sem obras é morta...» E para que a nossa acção junto dos Pobres se purifique, anime, rejuvenesça, é preciso que nos juntemos e meditemos,

compartilhando as fraquezas e virtudes do nosso trabalho. Que, tudo peneirado, se Deus quiser, surgirá o grão de mostarda. Mais: diz-nos a Fé que onde dois ou três se reunirem em Meu Nome — e, neste caso, pela Causa de Jesus crucificado na pessoa dos nossos irmãos que sofrem — *Eu aí estou*. E onde está o Senhor, está o Espírito Santo.

Esperamos, na próxima edição, fazer uma breve síntese dos resultados do Encontro. E esperamos, também, com a Graça de Deus, tudo decorra a bem dos Pobres, nossos irmãos.

O QUE RECEBEMOS — A lista é muito curta! Meia dúzia de presenças. Mas presenças cheias de Vida, cheias de interesse, cheias de amor. Abrem os costurados 40\$00 da assinante 17022. E segue na peugada a 17740, com metade. É outra presença conhecida! E mais 300\$00 de Évora, que tanto admiro, não fosse alentejano... Mais uma nota de 20\$00, com a súplica de uma Mãe: «Para a Conferência, em honra do Coração Imaculado de Maria, pedindo a continuação duma oração por o meu filho

que está no Ultramar, para que Jesus e a Virgem o guardem e tornem a trazer para o nosso lar, livre de todos os perigos, com vida, saúde e perfeitinho.» As Mães falam assim. E com que direito! A gestação prolonga-se até ao último dia da vida. São quadros que se deviam encaixilhar, substituindo outros que a podridão do homem engendra e se publicam e exibem com uma facilidade diabólica por esse mundo fora...! Mais 70\$00 de um velho amigo do Porto, pondo em dia o «segundo semestre de 1968». Por fim, outra cara conhecida: os habituais 20\$00 de A. F., também da Invicta.

Para todos; o nosso muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

ANIVERSÁRIO — Fez no passado dia 31 de Maio, 25 anos de existência a nossa Aldeia.

Foram 25 anos de lutas e sofrimentos pela sobrevivência desta Casa, que Pai Américo começou e, quando partiu para a Eternidade, deixou alguém para organizar a continuação desta Obra, grandiosa! Magnífica!

Pois como vos digo, a nossa Aldeia esteve em delírio, embora fosse uma festa simples, sem riquezas de material, pois o que interessava era o seu significado.

As onze e meia foi a Santa Missa. Ai todos demos graças a Deus, por tanto nos ter ajudado, neste decorrer dos tempos em que caminhamos lado a lado com Ele, pois senão fosse Ele tocar nos vossos corações e dizer: «ajudai aquela Obra, se derdes a elas,

dais-me a Mim», se não fosse assim, a Obra não podia ter chegado a este ponto!

Mas nem todos viveram este dia com alegria: dois dos nossos irmãos resolveram ir tentar a vida lá fora, o que parece que não lhes agradou. Dois passarinhos novos ainda com as asas tenras a quererem voar sôzinhos! Não pode ser. Eles mesmo verificaram que sim. E voltaram outra vez.

Como sempre receberam o respectivo «aperitivo». Agora, tudó passou e já se sentem bem. Para eles desejo felicidades.

BANHOS — Começou a vir o calor (com ele os visitantes estão a chegar em grande massa) e o que não podia faltar eram os banhos.

Ai que bom é tomar uma banhoca com este calor! Mas precisamos de calções...

Temos poucos!

Amigo, se tens uma casa de roupas ou se tens uma fábrica de tecidos, não nos deixes ficar mal; pois não? Por isso, contamos convosco.

TIPOGRAFIA — Está a progredir de ano para ano.

Há um ano ou dois atrás veio a máquina de dobrar; agora está para chegar uma serra e uma caldeira. Isto agora é que vai ser executar trabalhos! Por isso, não tenham medo de mandar trabalhos, desde o cartão de visita aos mapas.

Os tipógrafos são dos tipos que marcam mais ficha e agora deram-nos o título de «Os mais intelectuais, cá do sítio!»... Que categoria!

Aqui me despeço, amigos leitores. Com a ajuda de Deus, e da vossa, isto é, se quiserdes a nossa Obra viverá até ao fim dos séculos.

Defensor de Jesus Dias

Esta não lembra ao diabo!

Pouco leitor de jornais, menos ainda telespectador — várias vezes já tenho ouvido de pessoas criteriosas e responsáveis (em geral pais de família conscientes do seu dever de educadores) queixas das muitas formas de dissolução das ideias e dos padrões de valores, entre as quais os anúncios de que diários e TV são peçados.

Na verdade a imaginação é limitada; o espírito, o humor — dons bem raros; e, como praticamente, para muitas pessoas, os fins justificam os meios, o que importa é chamar a atenção do público para o que se pretende reclamar, mesmo que seja mediante o disparate ou o escândalo. A tática hollywoodesca de lançar vedetas sem talento é seguida também no mercado das coisas.

O pior é que o disparate e o escândalo são corrosivos, destroem por sua natureza; quanto mais não seja empestam o ambiente e tornam ainda mais precária a floração do espírito, do humor autêntico. É uma avalanche de mau gosto, de desmoralamento, de confusão de valores, que subtilmente se infiltra nas mentes débeis em formação e faz resistência, pelo menos passiva, ao esforço de sã mentalização dos que têm esse dever e o não enjertam.

Folheava ontem um diário. Como levasse a operação até ao fim, a meio de uma das várias páginas de anúncios, emoldurada, em cima e em baixo, por um razoável espaço em branco, saltou-me aos olhos a imagem de uma mulher desgrenhada, com um fogão nas mãos, saindo de uma casa em chamas, que bombeiros atacavam de agulheta em punho. A legenda punha na boca da mulher esta exclamação: «O meu... (nome da marca do fogão) já cá está! Agora vão lá buscar o meu marido!»

Que pena jornais com tal expansão e tamanha responsabilidade, não terem mais escrúpulo na selecção do que imprimem!



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

VISITANTES

Na minha faina de revisor de provas caiu-me há pouco sob os olhos este trechinho de Pai Américo: «Acabam de ser nomeados cicerones da Aldeia o Zé da Lenha, o Oscar e o Zé Eduardo.

O Tiroliro recebeu ordens para ir chamar qualquer um, sempre que haja automóveis à vista, ou todos, se forem muitos os visitantes. Da mesma sorte recebeu instruções para dar parte de algum mais esperto que goste de armar. As nossas coisas ficam assim em boa ordem.

Espera-se que os visitantes também se metam nela, não oferecendo nunca a qualquer deles a popular gorgeta. Eles têm ordem de aceitar tudo para a Casa e nada para si mesmo.»

Ora esta doutrina era muito fácil de ordenar no tempo em que os visitantes vinham em carros e três cicerones com seu chefe eram bastantes.

Hoje, os carros continuam; mas as excursões dominam. Ele há domingos que passam por aí dezenas de auto-carros e muita gente fica por cá gozando as sombras do nosso arvoredor.

Das tentações da «popular gorgeta» e do risco «de algum

mais esperto que goste de armar», já aqui se falou há duas quinzenas. Hoje queremos denunciar outro perigo e outra tentação: o desrespeito pelo asseio do que encontram, pela integridade do de que se servem; e um sentido de posse um bocadinho abusivo, que leva alguns visitantes (e vão sendo numerosos!) a darem-se o direito de servir-se da fruta que há e a permitirem-se tratar mal quem lhes faz uma observação, com estoutra: — Nós somos benfeitores da Casa!

Estávamos arrançados da vida se os nossos Benfeitores fôssem todos da marca destes visitantes: Não chegava o cebo prá mecha! Ou mesmo da espécie daquela ruidosa excursão que, de uma cidade nortenha, aí vem há vários anos, com muitos carros, muitas motorizadas, e muita estridência a espalhar aos quatro ventos: «Pai Américo nós estamos convosco!»; «Pai Américo nós temos-Vos no coração!» Pois se, fora o indiscreto ruído, a maioria dos visitantes repartisse connosco na medida destes, mal estaria o coração de Pai Américo que continua batendo — Deus louvado — nesta Sua Obra!

MIRANDA DO CORVO

Terminaram já as nossas festas, o em boa hora.

Este ano, porém, resolvemos que não fosse só Coimbra a receber-nos, e então fizemos uma pequena «tour-née» pela zona do Centro.

Como nos anos anteriores, a vasta sala do Avenida de Coimbra foi pequena para receber todos aqueles amigos que quiseram comungar um pouco da alegria que ali reinou, e todos nos acolheram com carinho e entusiasmo, e nos animavam a não desfalecer.

Só que este ano estivemos um pouco mais fracos, e andámos um bocadinho para trás; mas prometemos desde já oferecer-vos mais alguma coisa do nosso esforço para o ano.

A Coimbra seguiu-se Leiria. Já o ano passado tínhamos estado presentes, e decidimos que este ano estivéssemos de novo.

Desta vez a sala encheu-se de amigos, e como já tivemos mais algum tempo entre esta festa e a de Coimbra, aperfeiçoámo-nos mais um pouco e tivemos mais mérito, merecendo assim o carinho de todos os Leirienses presentes.

No fim, como tínhamos de regressar a nossa Casa, que fica bastante longe, comemos do que nos ofereceram alguns dos muitos amigos de Leiria e, arrumadas as coisas, partimos contentes com todos os Leirienses.

Em todas as outras terras que estivemos presentes, nos reunimos pela primeira vez com todos os nossos amigos.

Assim, estivemos na Lousã, onde por ser pertinho de nossa Casa nos deslocámos todos numa camioneta que um Mirandense muito amigo nos ofereceu.

Devido ao esforço de um grupo de amigos, a sala ficou bem composta e o público vibrou connosco.

Depois da bucha habitual regressámos a Casa com grande barulho. A seguir fomos a Tomar.

Mais uma vez, casa cheia. Os amigos de Tomar ficaram contentes connosco, e nós soubemos corresponder. Depois, a Figueira.

Ali, também o Casino foi pequeno, para todos os que queriam participar naquela reunião.

Terminou tudo bem e depois de nos reconfortar, regressámos.

Para terminar, tivemos de permanecer três dias na Beira, onde os nossos amigos da Covilhã, Fundão e Castelo Branco, nos acolheram com todo o carinho, oferecendo-nos tudo do que necessitamos, para o bom êxito das três festas ali realizadas.

Igualmente a alegria e o entusiasmo verificados nas outras terras. Não sabemos qual destes grupos de amigos nos acolheu melhor, porque não nos é possível sabê-lo.

Tudo correu bem e todos se alegraram com a nossa presença.

Francisco José Henriques

OS NOSSOS LIVROS

- «Pão dos Pobres» (I, II, III volumes)
- «Obra da Rua»
- «Ovo de Colombo»

Se ainda não possui alguma destas obras faça o pedido à

EDITORIAL
DA CASA DO GAIATO
PAÇO DE SOUSA